

Ensino público sofre nova reprovação

SÃO PAULO — O ensino público de 1º e 2º graus no Brasil atingiu o seu mais baixo nível de deterioração e só não vive uma situação ainda mais dramática porque a formação de professores e alunos vem sendo compensada por programas educacionais desenvolvidos por fundações vinculadas a empresas privadas.

A constatação foi unânime entre os participantes do painel "Fundações e Empresa — Contribuição à Educação" realizado ontem, no segundo dia do I Congresso Mundial da Educação.

Segundo o Superintendente da Área Educacional da Fundação Roberto Marinho, Calazans Fernandes, em 10 anos de existência a Fundação

desenvolveu mais de dois mil programas de natureza institucional. O índice de aprovação obtido pelos telecursos é pelo menos 20% maior do que na rede pública.

Já o trabalho desenvolvido pela Fundação Victor Civita é voltado principalmente à melhoria do nível de formação dos professores, em especial os da zona rural e áreas periféricas. Segundo o Diretor da Abril Educação, José Alcione Pereira, a Revista Nova Escola é distribuída gratuitamente entre mais de 300 mil professores e estabelecimentos de ensino de primeiro grau. Para o segundo grau, a Fundação criou a revista Sala de Aula, com uma tiragem

de 80 mil exemplares.

A opção desenvolvida pela Fundação Bradesco é a de garantir escola e atendimento médico e odontológico para alunos carentes. Atualmente, a Fundação mantém 39 escolas no País responsáveis por 68.500 alunos de pré-escola ao segundo grau.

Para o representante da Autolatina, José Carlos Mendes Manzano, a grande contribuição da empresa à educação não está apenas na criação e manutenção de uma escola com mais de 800 vagas para seus funcionários, mas no equacionamento de problemas que em geral impedem o trabalhador adulto de recuperar sua escolaridade.